

LITERATURA NO FEMININO: MULHERES ESCRITORAS NO BRASIL*

Jeanne Marie Gagnebin

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Análises da situação das mulheres brasileiras, assim como entrevistas e depoimentos de mulheres são cada vez mais numerosos no Brasil (graças, notadamente, aos Cadernos do CEBRAP, aos Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas, dos jornais Brasil Mulher e Nós Mulheres, recentemente às revistas Escrita e Almanaque). Eles abordam, na sua maioria, a situação da mulher no trabalho e a sua inserção na vida política do país. Eles testemunham um fato social novo e significativo, a participação cada vez mais forte das mulheres no trabalho assalariado e seu engajamento de importância crescente nos movimentos políticos, seja na fábrica, nos bairros ou na universidade. O presente artigo se proporá, por sua vez, a partir da abordagem de certos textos literários, a analisar como a própria imagem que as mulheres têm de si mesmas, sua autocompreensão, se esboça e se transforma na situação atual. Como se situam as mulheres em relação a uma concepção mais tradicional da feminilidade, em relação aos modelos masculinos que, muitas vezes, são obrigadas a assumir ou, dito de forma mais geral, em relação à diferença sexual? Antes de abordar o problema específico da escrita feminina, parece-me necessário expor algumas reflexões teóricas, debatidas especialmente nos movimentos feministas europeus, a respeito de três conceitos-problemas: o da feminilidade, o de modelo masculino e o da diferença sexual. Uma análise dos discursos femininos deve passar por este questionamento crítico.

INTRODUÇÃO:

FEMINILIDADE, MODELO MASCULINO E DIFERENÇA SEXUAL.

O conceito de feminilidade pode ser caracterizado pela contradição que o fundamenta: ele designa, ao mesmo tempo, uma natureza e uma norma. Toda tentativa de fixar o papel da mulher a partir de suas capacidades "biológicas" especialmente da sua função no ato sexual e na maternidade, corre o risco de fazer esquecer as determinações histórico-sociais às quais estas funções "naturais" estão indissolavelmente ligadas. Tes-

(*) Este texto foi concebido originalmente como esboço de uma pesquisa futura. A versão aqui apresentada contém pequenas alterações.

temunho disso é a pedagogia de um Rousseau, por exemplo, que queria educar as mulheres segundo a natureza e recaí, contudo, na descrição tradicional, freqüentemente misógina, da passividade, da fraqueza e da astúcia femininas:

“Em tudo o que concerne ao sexo, existem entre a mulher e o homem, em todos os aspectos, correspondências e diferenças; a dificuldade em compará-los provém da dificuldade de determinar o que pertence e o que não pertence ao sexo na sua constituição respectiva. A Anatomia comparada e, mesmo a mera inspeção visual, mostram diferenças gerais entre ambos, as quais, inicialmente, não aparecem estar relacionadas ao sexo; contudo, de alguma maneira, elas estão ligadas a ele por laços que não estamos em condições de perceber (...) Essas correspondências e essas diferenças devem influenciar o comportamento; esta consequência é sensível, conforme à experiência, e mostra que são vãs as disputas sobre a prevalência de um sexo sobre o outro ou disputas sobre a igualdade dos sexos; (...) Na união dos sexos cada um concorre igualmente ao objeto comum, mas não da mesma maneira. Desta diversidade nasce a primeira diferença assinalável nas relações morais de um ao outro. Um deve ser ativo e forte, o outro passivo e fraco; é necessário absolutamente que um queira e possa; basta que o outro resista pouco.

Uma vez estabelecido este princípio, segue-se dele que a mulher é feita especialmente para agradar ao homem (...).

Se quiserdes sempre ser bem guiados, segui sempre as indicações da natureza. Tudo o que caracteriza o sexo deve ser respeitado como estabelecido por ela. Dizeis incessantemente: as mulheres têm tal ou tal defeito que nós não temos. Mas vosso orgulho vos engana: seriam defeitos para vós, mas são qualidades para elas. Tudo andaria menos bem se elas não os possuíssem. Impedi que estes pretensos defeitos degenerem, mas precavei-vos de não destruí-los”.¹

A idéia de uma natureza feminina sobreviveu às mudanças intervindas na condição das mulheres da época moderna. Sua entrada em massa no mercado do trabalho serviu apenas para reforçar as contradições do seu estatuto. O dia de uma mulher está freqüentemente dividido entre suas tarefas de mãe e de dona-de-casa, de um lado, e de operária, de outro. Quanto às mulheres não obrigadas pela sua condição econômica a trabalhar fora, devem elas ser, hoje, ao mesmo tempo, ativas, plenas de inteligência e de iniciativa, sem abandonar jamais nem sua docilidade nem as abnegações “especificamente femininas”. É aí, nas contradições destas exigências impostas às mulheres, que se esgotam em querer cumpri-las, que várias análi-

ses encontram e denunciam a origem da maior parte das “doenças mentais” femininas². Poderia objetar-se que as noções de virilidade/masculinidade padecem de contradições semelhantes, mas a isso pode responder-se que os principais artesãos da história masculina foram homens. A história das mulheres, ao contrário, é a história das dificuldades, e na verdade, das impossibilidades de inventarem a sua própria história e, portanto, de criar um novo estatuto do feminino³. Assim, a noção de feminilidade caracteriza-se não só pelas suas contradições, mas também pela heteronomia da sua gênese: a feminilidade não é uma definição feminina.

A falta de autonomia das histórias respectivas do proletariado e a das mulheres, é que permitiu a comparação e a ligação entre as respectivas lutas: se a revolução burguesa europeia reforçou a imagem de uma construção independente da vida de cada homem por si próprio, este cada homem jamais foi proletário, nem mulher e, muito menos, mulher proletária, por conseguinte! Entretanto, os estudos históricos e etnológicos⁴, o tanto quanto a observação das sociedades “socialistas” do Leste⁵ impedem-nos de pensar que a exploração das mulheres seja apenas um subproduto da do proletariado, e que uma revolução no setor da produção — suposto que ela seja levada a termo — implique de si mesma a revolução do setor de reprodução. A opressão das mulheres enquanto seres sexuais não pode, portanto, nem ser reduzida unicamente à sua exploração econômica, no caso da mulher operária, nem ser meramente negada, como no caso das mulheres das classes média e burguesa.

Ora, se a denúncia da exploração do proletariado esteve sempre ligada à questão de sua autodeterminação, especialmente na Crítica à Economia Política de Marx, a questão de uma possível autonomia feminina só raramente transparece nas denúncias, sempre mais generalizadas, da opressão das mulheres. A luta contra esta opressão tende a se articular em torno de dois eixos principais: a crítica do papel feminino tradicional e a reivindicação de igualdade com os homens. Esta última, não só exige seja a mulher tratada da mesma maneira que o homem (a trabalho igual, salário igual, mesmo estatuto jurídico), mas exige também a partilha equitativa das tarefas tradicionalmente reservadas às mulheres (educação das crianças, trabalho doméstico) ou aos homens (no plano da vida pública especialmente). Esta reivindicação nada perde da sua força quando ela se opõe à **desigualdade** vigente, sobretudo num país como o Brasil, em que as disparidades são gritantes⁶. Mas ela não pode, entretanto, a longo prazo, definir a busca de uma autonomia feminina, pois se as mulheres devem exigir os mesmos direitos dos homens, isso não pode significar uma identificação ao modelo masculino em vigor: mas um modelo que elas não inventaram nem escolheram!

A opressão da mulher enquanto ser sexuado impede-a de encontrar na identificação com o outro sexo uma nova identidade, já que ela nada mais faria que repetir/aprender o modelo masculino, em vez de inventar sua(s) própria(s) identidades(s). É nesta busca que se empenham certas mulheres francesas, especialmente no contexto da literatura e da psicanálise⁷. Suas reflexões convergem todas para a questão da diferença sexual. A diferença entre os sexos foi, até hoje, sempre definida como uma oposição⁸ e, dentro da boa tradição hegeliana, como uma oposição entre dois parceiros que lutam pela submissão de um ao outro, ou pelo seu reconhecimento. Por trás da famosa guerra dos sexos se perfila a dificuldade de pensar as diferenças de outra maneira que pela comparação a um padrão único, a tendência a estabelecer, por conseguinte, imediatamente, uma hierarquização. A crítica filosófica denuncia, assim, na dialética hegeliana do senhor e do escravo — já que para haver reconhecimento é preciso desigualdade — o que Deleuze chama de “a submissão ao idêntico”:

“Pois a diferença só implica o negativo e só se deixa levar até à contradição na medida em que se continua a subordiná-la ao idêntico. Este primado da identidade, seja qual for a maneira concebida, define o mundo da representação. Mas o pensamento moderno nasce da falência da representação, bem como da perda das identidades e da descoberta de todas as forças que agem sobre a representação do idêntico. (...) Queremos pensar a diferença nela mesma, e pensar a relação do diferente com o diferente independentemente das formas da representação que os reduzem ao Mesmo e os fazem passar pelo negativo.”⁹

Esta “economia do Mesmo”¹⁰ significa, em termos de sexualidade, que a mulher é sempre descrita enquanto ser humano diferente do ser humano masculino, que vai oferecer a base de sua compreensão. Esta dificuldade a se descentrar do masculino explica a representação da mulher como o outro do homem, não tendo, enquanto tal, especificidade própria. Na teoria freudiana, especialmente, a sexualidade feminina é sempre descrita em comparação e em resposta à sexualidade masculina (o que conduz, aliás, às dificuldades da sua compreensão, como confessa o próprio Freud):

“Não há para Freud dois sexos, cujas diferenças se articulariam no ato sexual, e, de modo mais geral, nos processos imaginários e simbólicos que regulam um funcionamento social e cultural. O “feminino” é sempre descrito como falta, atrofia, como o inverso do único sexo que monopoliza o valor: o sexo masculino. Assim, por exemplo, a demasiadamente célebre “inveja do pênis”. Como aceitar que todo o devir sexual da mulher seja comandado pela carência, e, portanto, pela inveja, pelo ciúme,

pela reivindicação do sexo masculino? Isto é, que esta evolução sexual jamais seja referida ao próprio sexo feminino? Todos os enunciados que descrevem a sexualidade feminina negligenciam o fato de que o sexo feminino poderia ter, também, ele mesmo, uma "especificidade".¹¹

Dito isso de maneira mais corrente, as representações usuais da feminilidade são sempre determinadas por sua relação ao padrão masculino, o que a própria dicotomia da linguagem trai: o homem é ativo, a mulher, passiva, o homem é antes inteligente, a mulher, sensível, o homem tem um pensamento mais geral e abstrato, a mulher, mais concreto e prático etc. etc. Este sistema de dicotomias afeta também os homens (eles devem ser ativos, inteligentes, fortes etc.), ainda que mantendo o poder do seu lado. Tal sistema oprime as mulheres de maneira mais segura que qualquer outro comportamento "machista" individual, na medida em que elas, não tendo outro sistema de referências, se situam por si mesmas no interior daquelas dicotomias. Elas podem fazê-lo de duas maneiras: ou aceitam o papel feminino prescrito (a noção tradicional de feminilidade) ou se insurgem e reclamam para si o direito às qualidades tradicionalmente reservadas aos homens. Vimos o quanto esta segunda atitude é necessária na luta contra a desigualdade. Mas vemos, também, agora, que ela não basta para romper o esquema de poder que sustenta a exploração das mulheres: ela só pode levar a uma redistribuição do poder, mas não à sua supressão (é, aliás, o que acontece em certos países europeus com o acesso de algumas mulheres aos postos de "chefe").

Assim, por mais justa e necessária que ela seja, a reivindicação igualitária não pode deter-se em si mesma, mas deve desembocar numa reorganização político-social da diferença sexual, pondo novamente em questão tanto a concepção tradicional da feminilidade quanto a identificação ao modelo masculino:

"Recusar um e outro destes campos. Saber que uma identificação considerada masculina e paterna porque supõe do símbolo e do tempo, é necessária para ter voz no âmbito da política e da história. Levantar a termo esta identificação, para sair do polimorfismo passivo e feliz — no qual, sem aquela, a mulher pode aqui comprazer-se — e, assim, entrar numa prática social. Desconfiar, em seguida, da recompensa ao narcisismo que tal integração pode trazer: recusar a valorização da mulher homologada, enfim capaz, enfim viril, e agir na cena social-político-histórica como o seu negativo, isto é, agir, em primeiro lugar, juntamente com os que recusam, com os que vão contra a corrente — os revoltados das relações de produção e de reprodução existentes."¹²

II LITERATURA NO FEMININO – MULHERES ESCRITORAS NO BRASIL

Enquanto prática inventiva, a escrita é um dos lugares privilegiados em que se esboça, se busca às apalpadelas uma nova compreensão do feminino. Testemunho disso é a proliferação de obras literárias escritas por mulheres no Brasil a partir dos anos quarenta (Clarice Lispector publica “Perto do coração selvagem” em 1944, no mesmo ano Lygia Fagundes Telles publica “Praias vivas”, para ambas o primeiro livro), muito antes do começo de uma discussão continuada sobre a “liberação da mulher”. Mesmo hoje, a complexidade e as dificuldades da situação das mulheres brasileiras parecem encontrar na literatura uma expressão muito mais nuançada do que nos debates teóricos sobre o feminismo. Estes debates estão submetidos a duas tendências opostas, mas complementares: uma, que eu chamaria de essencialista e que consiste em querer definir o papel da mulher na sociedade brasileira; a outra, obreirista, que consiste em só ver o sentido e o êxito de um movimento de mulheres se ele se vincula exclusivamente às preocupações das mulheres proletárias. É difícil escapar, no primeiro caso, a um apelo geral e vago a todas as mulheres de boa vontade para “participarem” mais na vida da nação e, no segundo caso, a um questionamento do bom fundamento de um movimento de mulheres enquanto tal, quando os únicos interlocutores válidos são definidos pelo fato de pertencer ao proletariado. Recusando resolver estas questões, uma passagem pela literatura feminina pode lembrar e dizer aquilo que as alternativas teóricas correm o risco de deixar escapar: a virulência do imaginário social a respeito do que deve ser a feminilidade e a dificuldade de situar-se enquanto mulher no Brasil, a menos que seja um situar-se nas categorias em vigor. Estes são dois elementos cuja análise me parece prévia a qualquer decisão a favor ou contra ou sobre o como de um movimento feminista brasileiro. À objeção que a literatura escrita por mulheres não é representativa das mulheres em geral, das operárias em particular, só posso responder que a literatura não tem de ser “representativa”, mas pode ela designar e denunciar um fato social na própria organização do texto; não forçosamente descrevendo-o, mas captando ao nível da organização textual um mecanismo social implícito, que é assim tornado explícito. Há, por exemplo, nos textos de Clarice Lispector, uma síndrome “partida da empregada — crise da dona-de-casa” que diz muito sobre esta relação de dominação tão difícil de ser apreendida (toda a “paixão” de G.H. é desencadeada pela partida da empregada, ou melhor, não tanto pela sua partida, mas pela presença do seu quarto vazio).

Analisar textos femininos recoloca a questão da diferença sexual. O que diferencia um texto escrito por mulher de um texto escrito por homem, quando não se trata de um texto que reivindica as “tradicionais” qualidades femininas: sentimentalismo, intimismo, história de amor? Num artigo sobre as mulheres escritoras no Brasil, Lygia Fagundes Telles evoca as dificuldades que tinha, ainda no começo dos anos trinta, uma autora como Gilka Machado, porque ela ousava ir além dos temas permitidos às mulheres. A intrusão das mulheres no território literário reservado aos homens, tocando notadamente em questões de sexo e de política, provocou escândalo. E como tinham lutado para chegar até aí, elas puderam pensar ter atingido o domínio da verdadeira literatura, visto que podiam enfim escrever como homens. É o que confessa Lygia Fagundes Telles, ao tomar conhecimento das críticas do seu primeiro livro, dizendo que “certas páginas seriam melhores se proviessem da autoridade de um barbudo” (sic!). Somente mais tarde ela descobre em si o desejo de escrever de maneira diferente de um homem, de escrever enquanto mulher que reivindica o direito à diferença e à invenção:

“Uma escritora assimilada pela cultura masculina, quer dizer, escrevia como escritor — esse o primeiro elogio que recebi. Só após alguns anos de trabalho fui-me libertando aos poucos desse elogio. Desse estilo. Descobri que podia ter minha linguagem e temática dentro da minha condição de mulher. A alegria que sinto, hoje, de poder escrever o que quero, sem a menor autocensura (ao menos na hora da criação, ser livre, livre!) Nesta profissão de testemunha do meu tempo com todas coisas boas. E más. Testemunha das mulheres do meu tempo — a maioria das minhas personagens são mulheres.

Sempre os homens nos disseram o que nós éramos. Agora, nós o que somos. Sem ressentimento. Tranqüilamente. Creio que a verdadeira feminista não disputa o poder dos homens porque recusa o poder.”¹³

Mesmo se os textos de mulheres não apresentam nenhuma perspectiva feminista ou feminina explícita, eles podem ser reagrupados em torno de três pólos de reflexão, comuns, em graus menores, a toda a literatura moderna, e que se tornam centrais quando se trata de investigar, de esboçar uma autonomia feminina:

- a questão da identidade/das identidades
- a presença do corpo
- a busca de uma nova escrita que não obedeça forçosamente à coerência da lógica.

Identidade, identidades, identificação

Não basta nascer menina, é preciso ainda tornar-se mulher, e, se possível, uma mulher “normal”. Aprender a ser mulher parece, segundo Freud, mais complicado do que realizar o seu ser masculino para um homem¹⁴. É que a feminilidade a ser adquirida é coisa complexa, tanto mais difícil quanto o seu valor nega o aprendizado: quanto mais ela for natural e espontânea, tanto melhor ela o é. Assim como as definições da feminilidade mudam, assim também mudam as mulheres femininas (as aberrações da moda são o exemplo mais visível disso). No interior de certos limites, um menino pode permitir-se ser “original”, ele será mesmo encorajado a isso. Em torno da menina, os limites se estreitam¹⁵. Habitadas ao controle do olhar de outrem, as mulheres se vêem com os olhos dos outros. Seu próprio olhar lhes escapa. Que o olhar estranho desapareça ou que, simplesmente, ele mude, e eis a identidade feminina, construída com muitas penas, em migalhas. As meninas aprendem a ver-se nos espelhos e nos olhos de outrem, e terminam por olhar o mundo com olhos estranhos e não com os seus próprios olhos. Estas mulheres que não sabem o que querem para si, que não têm opinião própria, que não têm “personalidade”, ou, pelo contrário, estas mulheres rígidas, fixadas em sua pequena ordem cotidiana, atemorizadas pelo resto do mundo, todas elas sofrem da mesma carência: não ter podido, nem sabido desenvolver sua visão própria. Delegando aos outros a percepção do mundo e de si mesmas, elas perdem “algo cuja perda torna a pessoa ‘não emancipada’, mas doente mesmo: a percepção de si-mesma.”¹⁶

Mas acontece que este jogo de máscaras (ao qual, aliás, nem sempre é desagradável entregar-se) um belo dia não funciona mais. Seja porque uma mulher tenha desenvolvido suficiente resistência e força para opor-se a ele, seja porque um acontecimento a ponha em face da questão da sua identidade. Este momento privilegiado, em que a identidade em vigor até então se quebra, marca freqüentemente o começo ou o apogeu de textos femininos brasileiros. Isto é particularmente claro em Clarice Lispector. Toda a “paixão” de G.H. provém de uma descoberta do mundo e de si mesma que rejeite a visão de superfície, visão harmoniosa e habitual, o que G.H. denomina o seu rosto de fotografia e sua identidade de iniciais gravadas em suas malas :

“Naquela manhã, antes de entrar no quarto, o que era eu ? Era o que os outros sempre me haviam visto ser, e assim eu me conhecia. Não sei dizer o que eu era (...) Às vezes, olhando um instantâneo tirado na praia ou numa festa, percebia com leve apreensão irônica o que aquele

rosto sorridente e escurecido me revelava: um silêncio. Um silêncio e um destino que me escapavam, eu, fragmento hieroglífico de um império morto ou vivo. Ao olhar o retrato eu via o mistério (...) Nunca, então, havia eu de pensar que um dia iria de encontro a este silêncio. Ao estilhaçamento do silêncio. Olhava de relance o rosto fotografado e, por um segundo, naquele rosto inexpressivo o mundo me olhava de volta também inexpressivo. Esse — apenas esse — foi o meu maior contato comigo mesma? o maior aprofundamento muda o que cheguei, minha ligação mais cega e direta com o mundo ¹⁷.

A mesma crise sacode Anna e Laura, as duas mulheres dos contos "Amor" e "A Imitação da rosa"¹⁸, quando a ordem familiar do seu mundo doméstico se rompe sob o impacto de uma realidade exterior demasiadamente forte para ser integrada: a beleza perfeita de um ramallete de rosas ou o sofrimento insolente de um cego. Nem o sofrimento, nem a perfeição podem caber em suas atividades cotidianas de mulher burguesa e protegida, atividade que consiste principalmente em arrumar (observe-se a frequência deste termo), para que cada coisa tenha o seu lugar e nele fique. Basta que não haja mais nada a arrumar para que estas mulheres se dearticulem, não sabendo mais o que fazer de si mesmas, ficando perdidas, sem identidade, já que sua identidade consistia, até então, em manter esta ordem.

Esta perda de identidade é sentida com tanto mais violência, quanto ela significa uma perda de identificação; a mulher compreende, obscuramente ou não, que ela é, ao mesmo tempo, muito menos e muito mais do que uma amante, esposa ou mãe exemplar. E, isso, muito menos devido a que ela não consiga desempenhar este papel e, muito mais, devido a que sua identidade não se resume a estas identificações. Ela pode, então, tentar reencontrar uma identidade numa identificação ao papel masculino, ou mais freqüentemente através de uma atividade profissional ou política. Se ela tem êxito, esta conquista não deve ser desprezada, na medida em que ela abre o leque dos possíveis da "condição feminina", permitindo, assim, recolocar de maneira diferente a questão da feminilidade, a saber justamente pondo-a em questão. Ela deixa, entretanto, intato o sistema de dominação social que confere às funções masculinas o privilégio do poder. A assimilação, imposta por uma sociedade, onde reina a divisão social e técnica do trabalho, entre identidade e identificação de um indivíduo à sua ou às suas funções sociais, persiste. É assim que, como muitos homens puderam, ao mesmo tempo, exercer uma profissão e funcionar como pai e marido, da mesma maneira certas mulheres lutam para conciliar todas estas tarefas. Muito freqüentemente elas se esgotam nisso, pois as restrições que

lhes são impostas, tanto na organização objetiva da sociedade (falta de jardins de infância, de transportes públicos, horários de trabalho etc.) quanto nas resistências subjetivas, as suas próprias como as do seu mundo circundante, impedem-nos de "funcionar" tão bem quanto a maioria dos homens (que, aliás, funcionam mal, mesmo com o desembaraço da rotina).

Pode haver nesta "incapacidade feminina" uma chance; a de pôr em questão justamente o funcionamento social exigido. É aí que a carência de identidade(s) feminina(s) pode transformar-se numa riqueza, a de inventar um novo estatuto da identidade, que não consistiria mais em saber todos os papéis perfeitamente, mas em ser a própria autora de sua história. Esta esperança implica para uma mulher, segundo me parece, a aceitação de ser múltipla, a sua recusa da fixação a uma só identificação. "(Re)encontrar-se para uma mulher não poderia significar senão a possibilidade de não sacrificar nenhum de seus prazeres a outro, de não identificar-se a nenhum "um" particular, de não ser jamais simplesmente uma. Uma espécie de universo em expansão ao qual nenhum limite poderia ser fixado e que, contudo, não seria incoerência."¹⁹

As dificuldades desta multiplicidade transparecem na própria organização de um dos romances femininos que desfrutou de mais sucesso nestes últimos anos no Brasil: "As Meninas" de Lygia Fagundes Telles²⁰. O romance faz cada uma das três meninas, ao mesmo tempo amigas e discordantes, falar, por seu turno, na primeira pessoa, e entrecorta seus monólogos com passagens na terceira pessoa, os quais descrevem cada uma, sob o olhar da outra, e sob o seu próprio olhar, que olha muitas vezes através dos clichês em vigor da feminilidade (particularmente nas descrições que Lorena, uma jovem burguesa ao mesmo tempo tradicional e inquieta, faz de si mesma). O romance não poupa as suas heroínas, que se debatem com mais ou menos fortuna entre os papéis femininos os mais tradicionais (notadamente o manequim Anna Clara) ou os mais militantes (Leão). Sem ocultar a tristeza e, às vezes, a estupidez da vida que as meninas levam, Lygia Fagundes Telles parece indicar, na amizade que as une e num certo humor da escrita, como que o esboço de uma nova identidade feminina, que não pode satisfazer-se com nenhuma identificação.

Corpo/Linguagem

A identidade uniforme e regulamentada de cada indivíduo na sociedade burguesa repousa sobre uma concepção do corpo como portador de um indivíduo com funções diferentes. Assim o corpo deve servir, ao

mesmo tempo, de suporte a um trabalho que, geralmente, o prostra, a lazeres que o abandonam à concorrência (esportes) ou à passividade e, simultaneamente, deve continuar a ser desejável segundo os modelos eróticos vigentes e, ser mesmo capaz de uma sexualidade “liberada” ! Em face de todas estas exigências, o corpo, suporte infeliz do indivíduo adaptado, é um utensílio a ser adestrado, ele é negado e recalcado na medida mesma em que ele funciona, dócil e amestrado, segundo os critérios impostos. Este ódio do corpo que, paradoxalmente, nunca antes tão exposto e valorizado, como toda mercadoria a ser vendida, colide com um antigo modo de pensar, que não compreende o corpo como suporte do indivíduo, mas como a totalidade da pessoa, respeitando, por conseguinte, os seus desejos “anárquicos” (isto é, contra a dominação) e sabendo ouvir seus protestos contra sua regulamentação. A escrita feminina em busca de novas identidades e de autonomia esbarra no problema do corpo como em nenhum outro: é porque elas têm um corpo que as mulheres são identificadas como seres sexuados diferentes — inferiores. Mesmo se ele não é o único lugar da dominação, o corpo feminino será, portanto, um dos lugares privilegiados em que ela se inscreverá, notadamente na sexualidade. A busca de um corpo **diferente** (do corpo feminino tradicional e do corpo masculino) e **feliz** dá voltas imprevisíveis, passa, às vezes, por caminhos sem saída, mas todos paradigmáticos da dificuldade das mulheres em perceber seus corpos e em se perceber enquanto corpo fora de um sistema de dicotomias que fazem do corpo feminino ou um objeto quase mágico (da mesma magia que a caráter fetichista da mercadoria) e desejável, o corpo jovem, esbelto e “sexy”, ou, noutro extremo, um objeto de repugnância, o corpo envelhecido, o corpo das menstruações e do parto, e, até mesmo, o corpo orgástico e o corpo materno.

Pergunto-me se este desejo não é descrito até o extremo, e, talvez ao mesmo tempo, posto em causa em Nelida Piñon (em “A Casa da Paixão” por exemplo)²¹, quando ela retoma e leva ao paroxismo todas essas metáforas do desejo masculino tradicional (a mulher como terra a ser lavrada pelo homem). E também me pergunto se esta repugnância não atinge o seu limite — onde ela se transforma em fruição — em nojo que sentem todas heroínas de Clarice Lispector e que elas comparam a um enjôo de gravidez. A ambigüidade desta repulsa-atração irrompe quando G.H. reconhece no inosso da barata²² o sentimento que ela tinha por ocasião de uma gravidez, e na substância branca da barata a sua própria matéria corporal²³, de que havia pensando poder desembaraçar-se praticando o aborto²⁴. Não provém o insuportável da experiência de G.H. desta presença da corporeidade que se alastra sempre mais e que faz soçor-

brar o corpo bem educado e amestrado de G.H., mulher elegante ? Uma presença que surge ao mesmo tempo que a presença inegável dos oprimidos e de sua força, e isso é notável — ambos inscritos sobre a parede do quarto, a carvão, num desenho feito pela empregada antes de partir — talvez porque a dominação do corpo e a dominação de uma classe assinalam a mesma opressão.

Seria necessário investigar se, ao lado desta visão do corpo feminino, existe outro olhar, um olhar de descoberta feliz do seu corpo por parte das mulheres brasileiras. É possível que ele seja dito mais por certas poetisas, como Leila Miccolis e Crlica, cujas poesias são reunidas numa antologia de poesia feminina intitulada “Mulheres da Vida”, preparada por Leila Miccolis²⁵. Esta descoberta passa por uma reapropriação literária de temas julgados indignos da literatura até então, temas tomados justamente no cotidiano “sem importância” das mulheres, seja ele o cotidiano de uma intelectual burguesa do Rio, como nos poemas de Ana Cristina César²⁶ ou o de uma mulher velha do Interior de São Paulo, que passa o dia “sem fazer nada” num pequeno jardim, a velha cativa dentro do pote de Zulmira Ribeiro Tavares²⁷. Defrontamo-nos aqui com a força da poesia de Adélia Prado cuja ternura e ironia abalam a imagem tradicional da mulher com tanto mais eficácia quanto Adélia nunca se deixa levar pelo gesto — falsamente progressista e facilmente misógina — de denegrimiento e de desdém para com a vida dessas mulheres tradicionais e “normais”²⁸. É, talvez, passando por este ângulo, a reflexão sobre um cotidiano feminino até então silenciado, que haverá, um dia, escritoras escrevendo também sobre uma vida diferente: a das mulheres da alta burguesia. Não porque o escritor se inclinaria de maneira paternalista sobre a realidade vivida pelo proletariado no Brasil, mas porque esta realidade teria conquistado o direito à palavra.

Redescobrir um corpo feliz e diferente significa também cessar de encará-lo e de examiná-lo sob todos os seus lados com olhar inquisidor, o mesmo olhar de cobiça de um comprador diante da mercadoria. A visão sempre foi privilegiada como modelo de conhecimento desde a “theorein” grego. Tal modelo acentua a distância entre sujeito e objeto do saber e um modo de conhecimento analítico que permite comparar os objetos e **hierarquizá-los** rapidamente. Julgamos — ou cremos julgar — com um simples olhar qual é a mais bela, enquanto que todo um modo de conhecimento baseado, por exemplo, sobre o contato (o tato), interditaria tal rapidez, conduziria talvez a descobrir diferenças fora de uma hierarquização.

Como o corpo se submete aos olhares críticos e exteriores, a linguagem se dobra a regras que, se não contingentes, nem por isso menos

arbitrárias: a linguagem deve permitir identificar e classificar, sem hesitação, um significado preciso e delimitado, que uma operação subsequente pode, então, utilizar. Exige-se da linguagem que ela seja, antes de tudo, comunicação de um sentido unívoco e operacional. Certamente se aceita outro tipo de linguagem, como a linguagem poética ou a linguagem onírica, mas unicamente na medida em que ele permanece ajuizadamente em seu lugar e, não ponha em dúvida, a normatividade da linguagem discursiva. Mas esta não é inocente: ela testemunha em sua exigência de clareza, nos seus significados cuidadosamente separados dos seus significantes e na sua organização dicotômica uma organização social e histórica determinada à qual ela, ao mesmo tempo, contribui. É por isso que as mulheres não se encontram nessa linguagem, como também não se encontram na realidade social. Elas não sabem como se dizer naquela linguagem, preferindo, muitas vezes, recorrer às linguagens marginais (poesia, sonho etc.), questionando, ao mesmo tempo, o porquê desta marginalidade. Como diz drasticamente Luce Irigaray, o juízo "eu sou uma mulher" não pode articular-se verdadeiramente na lógica discursiva dominante, "seja porque **mulher** não é jamais atributo de ser, nem **sexuado feminino**, qualidade de **ser**, seja porque **eu sou uma mulher** não se predica do **eu**, seja porque **eu sou sexuada** exclui o gênero feminino."²⁹

Escrever para uma mulher significará, portanto, em sua consequência última, não elaborar uma nova teoria sobre "a mulher" ou fazer "da mulher" um novo sujeito essencial, mas sim "entravar a própria máquina teórica"³⁰, deixando a linguagem falar de outra maneira. O que será este outro falar? É difícil dizê-lo e não se deveria, aliás, delimitá-lo. Ele deixará fluir muito mais o imaginário — é aí que se inscreve uma análise da prosa de Hilda Hilst, particularmente de "Fluxofloema"³¹ —, ele permanecerá mais perto dos movimentos do corpo e de sua opacidade, sem pretender alcançar a transparência do olhar³². Ele não será também o discurso tipicamente feminino, tal como foi enaltecido até hoje nas oposições tradicionais: sentimental, introspectivo e harmonioso. Ele está por ser inventado. É o que declara Walnice Nogueira Galvão, uma "bem sucedida" professora universitária, que interroga hoje o discurso acadêmico:

"Compreendi que tinha medo de escrever porque a escrita encarnava para mim todos esses valores, títulos, posições... extremamente masculinos e que me furtavam a mim mesma o meu lado feminino, assim como, pensei, o furtavam aos outros. Desde então, escrevi, mais livremente, sem preocupar-me com o ponto de vista universitário. Acabo de entregar a um editor um livro de poemas que escrevi a quatro mãos, com uma amiga, durante este período... e o fato de uma professora universitária

publicar os seus poemas não passa tão facilmente. No momento escrevo contos. Em suma, mudei realmente meu modo de escrever. Mesmo meus trabalhos teóricos tornaram-se diferentes... Estou muito menos preocupada com a solidez do raciocínio, com argumentação, do que com minha lógica própria, com o que passa pela cabeça, com minha fantasia, com a imaginação... É como se puxasse um fio dentro de mim e o deixasse fiar-se... enrolo ou desenrolo, não sei exatamente. Procuro escrever como mulher, e não mais como homem.”³³

NOTAS:

(1) J. J. Rousseau, *Oeuvres Complètes*, Ed. Pléiade, Vol. IV, *Émile*, Livre V, pp. 693 e 700. Cf. o artigo de Elisabeth de Fontenay, pour *Émile* et par *Émile*, Sophie ou l'invention du ménage, in *Les Temps modernes*, nº 358, mai. 1976, pp. 1774 ss. et de Claudine Herrmann, *Les voleuses de langue*, Ch. I, Ed. des femmes, Paris, 1976.

(2) Cf.: Phyllis Chesler, *Women and Madness*, 1972. New York.

(3) Cf.: Maité Albistur e Daniel Armogathe, *Histoire du féminisme français*, Ed. des Femmes, Paris, 1977. Simone de Beauvoir, *Le deuxième sexe*, Gallimard, Paris, 1949. Sheila Rowbotham, *Women, Resistance and Revolution*, London, 1972.

(4) Cf.: Ernst Bornemann, *das Patriarchat*, Fischer, Frankfurt/M. 1975. Margaret Mead, *Male and Female*, New York, 1948.

(5) Cf.: Wilhelm Reich, *Die sexuelle Revolution*, Berlim, 1936.

(6) Cf.: o primeiro congresso das mulheres da indústria metalúrgica de SP e a posição delas dentro do sindicato (*Brasil Mulher*, nº 11, março de 1978). Cf. também o Primeiro Congresso da Mulher Paulista em março de 79, no Teatro Rut Escobar, e o Segundo, em março de 80, na PUC, ambos amplamente comentados na imprensa em geral.

(7) Cf.: Catherine Clément e Hélène Cixous, *La Jeune Née*, Ed. 10/18, Paris, 1975. Hélène Cixous, Madeleine Gagnon, Annie Leclerc, *La Venue à l'écriture*, Ed. 10/18, Paris, 1977. Luce Irigaray, *Spéculum de l'autre femme*, Ed. Minuit, Paris, 1974; da mesma, *Ce sexe qui n'en est pas un*, Ed. Minuit, Paris, 1977. Julia Kristeva, *Des Chinoises*, Ed. des Femmes, Paris, 74. Annie Leclerc, *Parole de Femme*, Grasset, Paris, 1974. *Cahiers du GRIF*, nº 12 e 13 (*Femmes et Langages*), junho e out. de 1976, Bruxelas.

(8) “A astúcia e a violência (inconscientes ?) da economia masculina consistem em hierarquizar a diferença sexual, valorizando um dos termos da relação, isto é, reafirmando o que Freud denomina o primado do fálus. E a diferença é, de fato, sempre, percebida, efetuada como oposição. Masculinidade/feminilidade se opõem de tal maneira que é o privilégio masculino que se afirma num movimento conflitual já decidido previamente.” (Hélène Cixous, *La jeune née*, p. 147.)

(9) Gilles Deleuze, *Différence et répétition*, PUF, Paris, 1972, p. 1/2.

(10) Luce Irigaray, *Ce sexe qui n'en est pas un*, p. 72.

(11) Luce Irigaray, *Ce sexe qui n'en est pas un*, p. 68.

(12) Julia Kristeva, *Des Chinoises*, p. 43.

(13) *Nós mulheres*, nº 2, set./out. 1976.

(14) Cf. Luce Irigaray, *Ce sexe qui n'en est pas un*, p. 132.

- (15) Cf. Elena Gianini Belotti, *Dalla parte delle bambine*, Feltrinelli Editore, Milano.
- (16) G. Schneider, K. Laermann, *Augen-Blicke, ueber einige Vorurteile geschlechtsspezifischer Wahrnehmung*, Kursbuch, nº 49, out. 1977.
- (17) Clarice Lispector, *A Paixão segundo G.H.*, J. Olympio, RJ, 9ª ed. 1977, pp. 22/23.
- (18) Clarice Lispector, *Laços de Família*, J. Olympio, RJ, 9ª ed. 1978.
- (19) Luce Irigaray, *Ce sexe qui n'en est pas un*, p. 30.
- (20) José Olympio, RJ, 1973.
- (21) Editora Sabiá, RJ, 1972.
- (22) *A Paixão segundo G.H.* p. 105.
- (23) *ibid.* p. 193.
- (24) *ibid.* p. 106.
- (25) Vertente Editora, SP, 1979.
- (26) *Revista Versus*, nº 22, junho/julho de 1978, pp. 32/33.
- (27) *Termos de Comparação*, Ed. Perspectiva, SP, 1974.
- (28) *Bagagem*, Ed. Nova Fronteira, RJ, 1976. *O Coração Disparado*, Ed. Nova Fronteira, RJ, 1977. *Solte os Cachorros*, Ed. Nova Fronteira, RJ, 1979.
- (29) Luce Irigaray, *Ce sexe qui n'en est pas un*, p. 145.
- (30) *ibid.* p. 75.
- (31) em *Ficções*, Ed. Quiron, SP, 1977.
- (32) "Permanecer perto do corpo é fazer da linguagem um corpo, deixá-la brincar ao nosso lado como brinca um corpo, em toda sua opacidade, sem jamais prestar contas derradeiramente. Fazer da linguagem um movimento de aproximação, não um instrumento." (Françoise Collin, Polyglo(u)ssons, in *Cahiers du GRIF*, nº 12, junho de 1976.)
- (33) Entrevista (oral) com Walnice N. Galvão em "Brasileiras", Éditions des femmes, Paris, 1977.